
EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Filosofia

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 714/1.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2014

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Deve riscar aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

A prova inclui uma tabela de símbolos lógicos.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

GRUPO I

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. Considere as frases seguintes.

1. As baleias são peixes.
2. As baleias não são peixes.
3. As baleias são peixes?
4. Ensinar a pescar, em vez de dar o peixe.

Selecione a opção correta.

- (A) As frases 1, 2 e 4 exprimem proposições; a frase 3 não exprime uma proposição.
- (B) As frases 1 e 2 exprimem proposições; as frases 3 e 4 não exprimem proposições.
- (C) As frases 1 e 3 exprimem proposições; as frases 2 e 4 não exprimem proposições.
- (D) A frase 1 exprime uma proposição; as frases 2, 3 e 4 não exprimem proposições.

2. «Cada pessoa tem a sua opinião, como se vê nos debates televisivos, em que nunca se chega a um acordo. Por isso, não podemos negar que a verdade é relativa, pois haveria consenso entre as pessoas se a verdade fosse absoluta.»

O texto anterior exprime um argumento cujas premissas são:

- (A) Se a verdade fosse absoluta, haveria consenso entre as pessoas; não há consenso entre as pessoas.
- (B) Cada pessoa tem a sua opinião, como se vê nos debates; não podemos negar que a verdade é relativa.
- (C) Quando discutem, as pessoas deveriam chegar a um acordo; não devemos procurar uma verdade absoluta.
- (D) Os debates televisivos são inúteis, porque não se chega a um consenso; a verdade não é absoluta.

3. «É impossível provar que os animais têm consciência. Portanto, temos de admitir que não têm.»

O argumento anterior é

- (A) dedutivamente válido.
- (B) indutivamente forte.
- (C) um caso de apelo à ignorância.
- (D) um caso de derrapagem.

4. «Ou o bombeiro que arriscou a vida para salvar a criança presa no incêndio não se deu conta de que ele próprio estava a correr perigo, ou a criança era da sua família.»

Argumentar a partir da premissa anterior é incorrer na falácia seguinte.

- (A) Petição de princípio.
- (B) Boneco de palha.
- (C) Derrapagem.
- (D) Falso dilema.

5. Indique a opção que contém uma falácia *ad hominem*.

- (A) A testemunha pode estar a mentir, pois já antes mentiu em tribunal.
- (B) A testemunha não se exprime claramente, pois não se compreende bem o que diz.
- (C) Não interessa o que a testemunha diz, pois não passa de uma pessoa vaidosa.
- (D) Não interessa o que a testemunha diz a favor do acusado, pois ela é mulher dele.

6. Considere o texto seguinte.

«Compare estes dois casos:

- 1) Uma pessoa pega numa arma, aponta cuidadosamente para o alvo, puxa o gatilho e dispara.
- 2) A pessoa chega a casa e põe a arma sobre a mesa. Enquanto o faz, a arma inesperadamente dispara. Ora, partindo da nossa distinção intuitiva entre ações e acontecimentos, concordaríamos, espero, que disparar a arma, no primeiro exemplo, foi uma ação, enquanto, no segundo, o tiro foi um acontecimento.»

C. Moya, *The Philosophy of Action: An introduction*, Cambridge, Polity Press, 1990, p. 12 (adaptado)

De acordo com o texto, as ações distinguem-se dos acontecimentos na medida em que

- (A) as ações não têm intenções como causas, nem envolvem um agente.
- (B) as ações envolvem um agente, mas não têm intenções como causas.
- (C) as ações têm intenções como causas, mas não envolvem um agente.
- (D) as ações envolvem um agente e têm intenções como causas.

7. Considere as afirmações seguintes.

1. Os valores dependem apenas da educação que se teve.
2. Os juízos de valor de pessoas diferentes não podem coincidir.
3. Os valores são uma questão de preferências pessoais.

Acerca dos valores, os subjetivistas consideram que

- (A) 1 é verdadeira; 2 e 3 são falsas.
- (B) 1 e 2 são verdadeiras; 3 é falsa.
- (C) 1 é falsa; 2 e 3 são verdadeiras.
- (D) 1 e 2 são falsas; 3 é verdadeira.

8. Segundo Rawls, os princípios da justiça por si apresentados
- (A) proibem diferenças entre os indivíduos.
 - (B) são aqueles que indivíduos racionais escolheriam na posição original.
 - (C) asseguram a igualdade económica e social.
 - (D) são aqueles que os indivíduos escolheriam sem o véu de ignorância.
9. De acordo com a definição tradicional de conhecimento,
- (A) nenhuma crença pode ser justificada pela experiência.
 - (B) nenhum conhecimento pode ser crença.
 - (C) algumas crenças verdadeiras não são conhecimento.
 - (D) algum conhecimento não é verdadeiro.
10. Segundo Popper, o método científico começa por
- (A) problemas.
 - (B) observações.
 - (C) experiências.
 - (D) generalizações.

GRUPO II

O Grupo II apresenta dois percursos:
Percurso A – Lógica Aristotélica – e Percurso B – Lógica Proposicional.
Responda apenas aos dois itens de um dos percursos.

PERCURSO A

1. A. Complete o enunciado seguinte, escrevendo a premissa em falta, de modo a construir um silogismo válido.

Alguns crentes são religiosos.

Logo, há pecadores religiosos.

Escreva o silogismo completo na forma padrão.

2. A. Identifique a falácia silogística presente no argumento seguinte.

Nem sempre quem é inteligente é bondoso.

Os cientistas são pessoas inteligentes.

Logo, alguns cientistas não são bondosos.

Apresente a justificação completa da sua resposta.

PERCURSO B

1. B. Complete o enunciado seguinte, escrevendo a premissa em falta, de modo a construir um argumento válido.

Ao completar o enunciado, aplique uma das formas de inferência válida estudadas.

O Tiago é jornalista ou não usa microfone.

Logo, o Tiago não usa microfone.

Identifique a forma de inferência válida aplicada.

2. B. Admitindo que a proposição «A Joana está sentada» é verdadeira, será possível determinar o valor de verdade da proposição seguinte?

Se a Joana não está sentada, então está a correr.

Apresente a justificação completa da sua resposta.

GRUPO III

1. Leia o texto seguinte.

É difícil não pensar que temos livre-arbítrio. Quando estamos a decidir o que fazer, a escolha parece inteiramente nossa. A sensação interior de liberdade é tão poderosa que podemos ser incapazes de abandonar a ideia de livre-arbítrio, por muito fortes que sejam as provas da sua inexistência.

E, obviamente, existem bastantes provas de que não há livre-arbítrio. Quanto mais aprendemos sobre as causas do comportamento humano, menos provável parece que escolhamos livremente as nossas ações.

J. Rachels, *Problemas da Filosofia*, Lisboa, Gradiva, 2009, p. 182

- 1.1. Como explicam os deterministas radicais a «sensação interior de liberdade» referida no texto?

- 1.2. Apresente uma objeção ao determinismo radical.

2. Leia o texto seguinte.

O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera [...]. Nada senão a *representação da lei* em si mesma, que *em verdade só no ser racional se realiza*, enquanto é ela, e não o esperado efeito, que determina a vontade, pode constituir o bem excelente a que chamamos moral, o qual se encontra já presente na própria pessoa que age segundo esta lei, mas não se deve esperar somente do efeito da ação.

I. Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Lisboa, Edições 70, 1988, pp. 31-32 (adaptado)

Compare, a partir do texto, a perspetiva de Kant com a de Mill relativamente àquilo que determina o valor moral da ação.

GRUPO IV

1. Leia o texto seguinte.

Em suma, todos os materiais do pensamento são derivados do nosso sentimento externo e interno. Apenas a mistura e a composição destes materiais competem à mente e à vontade. Ou, para me expressar em linguagem filosófica, todas as nossas ideias ou percepções mais fracas são cópias das nossas impressões, ou percepções mais vívidas.

[...] Se acontecer, devido a algum defeito orgânico, que uma pessoa seja incapaz de experimentar alguma espécie de sensação, verificamos sempre que ela é igualmente incapaz de conceber as ideias correspondentes. Um cego não pode ter a noção das cores, nem um surdo dos sons. Restitua-se a qualquer um deles aquele sentido em que é deficiente e, ao abrir-se essa nova entrada para as suas sensações, abrir-se-á também uma entrada para as ideias, e ele deixará de ter qualquer dificuldade em conceber esses objetos.

D. Hume, *Investigação sobre o Entendimento Humano*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, pp. 35-36 (adaptado)

1.1. Explícite as razões usadas no texto para defender que a origem de todas as nossas ideias reside nas impressões dos sentidos.

1.2. Concordaria Descartes com a tese segundo a qual «todas as nossas ideias [...] são cópias das nossas impressões»?

Justifique a sua resposta.

2. Leia o texto seguinte.

Podemos ter de renunciar à noção, explícita ou implícita, de que as mudanças de paradigma aproximam os cientistas, e os que com eles aprendem, cada vez mais da verdade.

T. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Lisboa, Guerra & Paz, 2009, p. 230

Concorda com a perspetiva de Kuhn expressa no texto? Justifique a sua resposta.

Na sua resposta, deve:

- identificar o problema discutido;
- apresentar inequivocamente a sua posição;
- argumentar a favor da sua posição.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

1.	5 pontos
2.	5 pontos
3.	5 pontos
4.	5 pontos
5.	5 pontos
6.	5 pontos
7.	5 pontos
8.	5 pontos
9.	5 pontos
10.	5 pontos
	<hr/>
	50 pontos

GRUPO II

1. (A ou B)	15 pontos
2. (A ou B)	15 pontos
	<hr/>
	30 pontos

GRUPO III

1.	
1.1.	15 pontos
1.2.	15 pontos
2.	25 pontos
	<hr/>
	55 pontos

GRUPO IV

1.	
1.1.	20 pontos
1.2.	15 pontos
2.	30 pontos
	<hr/>
	65 pontos

TOTAL **200 pontos**

TABELA DE SÍMBOLOS LÓGICOS

NOME	SÍMBOLO ADOTADO	EXEMPLO	ALTERNATIVAS
Letras proposicionais	P, Q, R, \dots	P	A, B, C, \dots p, q, r, \dots
Negação	\neg	$\neg P$	$\sim P$ \bar{P}
Conjunção	\wedge	$P \wedge Q$	$P \& Q$ $P \cdot Q$
Disjunção	\vee	$P \vee Q$	PQ $P + Q$
Condicional	\rightarrow	$P \rightarrow Q$	$P \supset Q$ $P \Rightarrow Q$
Bicondicional	\leftrightarrow	$P \leftrightarrow Q$	$P \equiv Q$ $P \Leftrightarrow Q$ $P \rightleftarrows Q$
Sinal de conclusão	\therefore	$\frac{P \wedge Q}{\therefore P}$	$\frac{P \wedge Q}{P}$ $P \wedge Q \therefore P$
Parêntesis	$(,)$	$(P \wedge Q) \vee P$	$[,]$ $\{, \}$